

**A LETRA DURA DA LITERATURA E O  
EXERCÍCIO DE UMA CRÍTICA SÃ\***

SÍLVIO PEIXOTO  
Angola

“Andamos todos enganados  
Palmas, delírios, louvores nas gazetas.  
Não foi para isso, poetas  
Que fomos convocados”

-Sebastião da Gama-

Isso de escrever sobre um assunto quando nos (me) falta prês-timo. Tem-se estado a dizer que o VC não deve ser um espaço de exercí-cios de incapacidade. Há que respeitar o público e dar-se a guitarra a quem de unhas.

1

O homem é um bicho fenomenal: Fez da Natureza rude e bravia um castelo social e para disciplinar a vivência nesse castelo criou normas que defendem os princípios mais sublimes da vida. Não lhe bastando a evolução culinária e o magnetismo dos artifícios materiais, aprendeu a so-nhar, cantar, jogar, escrever. É isso: Escrever.

A escrita conheceu sempre um modelo rígido e exemplar de disciplina. Consoante os cantos que emanavam das respectivas penas, os fazedores de literatura foram baptizados como poetas, escritores, contis-

---

\* Extraído do **Jornal de Angola**, 29/01/89.

tas, romancistas e por aqui adentro. A demarcação de estilos e o dilúvio de admiração ou imprecizações que os escritos arrancavam, levou a que se criassem novos classificadores: Brilhantes, bons, razoáveis e maus.

Afinal a literatura era um duro ofício. Uma ciência social que passou a constar das disciplinas científicas, dos ramos de especialização. Nada tinha a ver com charlatanices como por exemplo a **Dendrologia** (ofício de predizer o futuro de alguém consoante a posição das árvores derrubadas). Os escritores não eram videntes mas indivíduos criadores de outros sub-mundos paralelos à existência real com o fito de tornar a vida mais vivível.

Houve necessidade de criar juizes, tal como noutras facetas da vida social para, também em literatura julgarem-se os escritos e os referidos autores. Os críticos, mais do que os escritores, tinham que ter escola, montanhas e vales de leitura acumulada, hemisférios e estratosferas de ciência comprovável.

A Sociedade fez então do acto de escrever um complexo triângulo escaleno, ou seja, com todos os lados desiguais: Autores de um lado, leitores do outro e críticos dest'outro.

## 2

A aparição de sociedades democráticas no início do nosso Século fez com que a literatura deixasse de ser uma modalidade apenas praticada por elites ou grupos abastados de determinado círculo, e, mesmo não a tornando massiva, fez pelo menos com que o seu estudo pudesse estar ao acesso de quem nela se empenhasse.

Essas sociedades recém saídas das onze varas da repressão tiveram como comando artístico, numa primeira, primeiríssima fase, a emoção, o desabafo secular puro e simples.

Por razões obviamente compreensíveis tudo passou então por literatura: A reportagem de uma parada militar, o disparo da bala, o simples contacto da bota contra o solo. Todos tinham direito à palavra, os homens cultos e os outros. Todos passavam por escritores: Os que só escreviam "Viva" e os que "abaixo" e havia ainda os que nada escreviam, apenas falavam, bem ou mal, muito ou pouco, mas falavam. Era a Democracia em sociedade e todos podiam se bailouçar nela como bem lhes aprouvesse, sem quaisquer critérios de valoração nem diferenciação. "Quando mais diferenciação menos igualdade e menos democracia". - Pensava-se.

A Literatura é contudo um duro e constante roer e cedo ficou

demonstrado que ela não vive de boas intenções nem de ânimos fervorosos. A literatura vive do talento e do labor.

### 3

Muitos foram os ventos que se abateram sobre a literatura ao longo da sua trajectória. Entre nós, os malefícios de somenos craveira parecem ter-se acabado de há três anos a esta data quando jovens que até então também não passavam do mero "dizes tu, digo eu", descerraram a cortina das intenções e fizeram fincapé no mundo objectivo da literatura, lançando livros, calando-se, fazendo uns se calarem e outros se empenharem: Maimona, Paula Tavares, Rui Augusto, Kandjimbo, Bonavena e Lopito Feijóo.

Com a aparição destes autores a literatura ganha outra profecia, marcadamente filosófica e progressivista. Tal seriedade redonda tão só do facto de qualquer deles ter sido gerado pelo içar da Bandeira Nacional a 11 de Novembro de 1975 e ser autodidacta, não tendo frequentado qualquer instituto de letras. Mesmo assim o trigo separou-se do joio, como tão clamorosamente tem soado dizer-se. Os representantes mais amadurecidos da sua época, os embaixadores mais documentados do presente momento literário.

**"Ultrapassada a fase dos discursos de intenção, já vislumbra quem é quem na nossa literatura".** - Escreveu alguém de entre nós em Agosto do ano transato na Tveja.

As declarações de intenção tiveram já coroa na nossa literatura. O seu reinado foi caracterizado por insultos de lesa amplitude, faltas de respeito, atritos e falsidades.

Ultrapassada, a fase dos discursos de intenção, chega a da melhoria crescente da actividade literária quer pelos que já se instalaram na carruagem tormentosa da literatura, quer pelos que se estão instalando, a fim de que aqueles que estão para tomá-la encontrem ambiente mais airoso.

A Crítica Literatura que entre nós tem estado a ser comparada à dendrologia, dada a falta de capacidade técnica de alguns que se alvitram críticos, a exercem e dão a exercer, precisa de ser urgentemente disciplinada, pulverizada. Tida como recurso pela qual alguns oradores de intenções produzem os seus insultos e levam embora o mel alheio da colmeia, os canais pelos quais a crítica vem à tona devem adotar modelos de disciplina. A crítica a quem podem com ela. É ciência e assim sendo, incompatível com a charlatanice.

Por outro lado, a ausência de apreciações críticas atempadas às obras publicadas impedem que os respectivos autores saibam do “chão que pisam”, bastando-se com os comentários do leitor comum, quase sempre só trazedor de elogios, adiando assim uma melhoria constante do trabalho.

Surge assim um duplo problema: impedir que “críticos” de mera intenção e voz façam passar os seus ruídos por mensagem, por um lado, e fazer com que escritores de capaz leitura se pronunciem sobre as obras em consumo no mercado, por outro.

O prestígio internacional da nossa literatura exige que se dêem arrumações cá na casa. O mútuo guerrear-se cedeu lugar à auto-afirmação. A crítica literária deve ser exercida com a imparcialidade de que ela própria se exige.

A sanidade da (na) nossa literatura passa não só por uma varridela a todos os que lhe são adversos, mas também pelo exercício de uma crítica literária competente e atempada. Os autores devem estar e fazer por estar psicologicamente preparados a receber críticas (e não só louvores) dos seus trabalhos.